

GRAMÁTICA DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA: OS DIFERENTES TIPOS DE VERBOS E SUAS REPERCUSSÕES NA SINTAXE

Ronice Muller de Quadros*¹

RESUMO: *A proposta deste trabalho será a de, inicialmente, apresentar alguns dos aspectos gramaticais da língua de sinais brasileira através de uma breve descrição da sua estrutura da frase. Essa descrição torna-se necessária aqui, uma vez que se entende ter como leitores deste artigo, lingüistas em geral, especialmente, lingüistas gerativistas que não estejam familiarizados com os estudos das línguas de sinais. Posteriormente, o foco deste trabalho deter-se-á a alguns problemas observados em relação a estruturas geradas com diferentes tipos de verbos que parecem complicar as propostas standard de organização sintática da estrutura da frase em função das características intrínsecas da modalidade visual-espacial. O objetivo será o de explorar as repercussões sintáticas dessas características assumindo que as línguas de sinais, assim como todas as línguas naturais, seguem os mesmos princípios que regem as línguas humanas podendo, portanto, utilizar-se de todo o aparato teórico e técnico da Teoria Gerativa.*

PALAVRAS-CHAVE: *língua de sinais brasileira; gramática gerativa; morfologia verbal*

* Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

¹ Esta pesquisa foi parcialmente financiada pela CAPES e pela University of Connecticut. As análises mais recentes estão sendo financiadas pelo CNPq. Partes deste trabalho serão incluídas no livro *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Lingüísticos* de Ronice Müller de Quadros e Lodenir Becker Karnopp a ser editado pela ArtMed. Porto Alegre. 2004.

A estrutura da frase na língua de sinais brasileira²

A investigação da estrutura da frase na língua de sinais brasileira tornou-se relevante, no sentido de verificar se esse tipo de língua que se apresenta em uma modalidade diferenciada, a modalidade visual-espacial, segue os mesmos princípios que regem as línguas humanas. Este estudo envolve análises da sintaxe da língua de sinais brasileira, relacionando-as com as investigações realizadas com outras línguas. Os resultados encontrados podem apresentar grande repercussão nos estudos das línguas de sinais, bem como, nos estudos das línguas faladas, pois evidencia uma organização bastante comum que ultrapassa a questão da modalidade. Os efeitos de modalidade, portanto, restringem-se às questões que estão diretamente relacionadas com as interfaces.

Sendo assim, o próprio Chomsky reconhece o estatuto das línguas de sinais:

A concepção de que a articulação e a percepção envolvem a mesma interface (representação fonética) é controversa, os problemas obscuros relacionados à interface C-I (conceptual-intencional) é ainda mais. O termo "articulatório" é tão restrito que sugere que a faculdade da linguagem apresenta uma modalidade específica, com uma relação especial aos órgãos vocais. O trabalho nos últimos anos em língua de sinais evidencia que essa concepção é muito restrita. Eu continuarei a usar

² As siglas utilizadas ao longo do texto são as seguintes: TopicP – *Topic Phrase* (Sintagma de Tópico); FP – *Focus Phrase* (Sintagma de Foco); CP – *Complementizer Phrase* (Sintagma Complementizador), IP – *Inflection Phrase* (Sintagma Flexional); AgrP – *Agreement Phrase* (Sintagma de Concordância); TP – *Temporal Phrase* (Sintagma Temporal); VP – *Verbal Phrase* (Sintagma Verbal); DP – *Determiner Phrase* (Sintagma Determinante), WH para palavras ou construções QU, ou seja, palavras ou construções contendo 'quem, o que, como, onde, por que, que, quando'; SVO – Sujeito – Verbo – Objeto. São usadas glosas em português para os exemplos da língua de sinais brasileira. As marcas não-manuais que co-ocorrem com as palavras são indicadas através de colchetes com a indicação do tipo de marca não-manual ('top' para tópico, 'neg' para negação, 'hn' para afirmativa com foco, 'wh' para interrogativas, 'asp' para aspecto, 'cl' para classificadores e índices para concordância). Também será indicado o uso de ênfase com repetição dos sinais com a marca +.

o termo, mas sem quaisquer implicações sobre a especificidade do sistema de output, mantendo o caso das línguas faladas. (Chomsky, 1995:434, nota de rodapé 4³).

Quadros (1999, 2000) propôs a arquitetura da estrutura da frase da língua de sinais brasileira no contexto de investigação do programa gerativista (Chomsky, 1995). As análises envolvem desde a ordem das palavras às operações sintáticas, incluindo posições A (argumentais) e A'(não-argumentais). A autora conclui que a língua de sinais brasileira é uma língua SVO. Há várias evidências que indicam isso, apesar de serem identificadas variações dessa ordem. Entre elas, apresentam-se as seguintes:

- As sentenças SVO são gramaticais sem informações adicionais:

(1) JOÃO GOSTAR MARIA

O João gosta da Maria

(2) JOÃOa [aENVIARb CARTA MARIAb]conc

O João enviou a carta para a Maria.

- OSV e SOV são ordens derivadas somente mediante alguma marca especial (presença de traços), tais como as marcações não manuais que coocorrem com as palavras:

(3) [MARIA]tópico JOÃO GOSTAR

A Maria, o João gosta.

(4) [JOÃOa]tópico [MARIAb]tópico [aENVIARb] CARTA

O João, para Maria, enviou a carta

Nos dois exemplos, houve topicalização. A topicalização é identificada através de uma marcação não-manual de elevação das sobranças podendo ser associada à elevação da cabeça sobre o escopo do elemento topicalizado. Além da topicalização, pode-se

³ Tradução feita pelas autoras Ronice Müller de Quadros e Lodenir Karnopp em *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Lingüísticos*. Editora ArtMed: São Paulo. 2004.

observar construções com outras marcas não-manuais, como àquelas associadas com construções com foco (movimento de ênfase no final da frase em concordância com o tipo de construção: afirmativa, negativa, interrogativa), com interrogativas (elevação da cabeça com franzimento da testa para construções WH, rebaixamento da cabeça com elevação das sobrancelhas para interrogativas SIM/NÃO, entre outras) e com negativas (rebaixamento dos lábios podendo ser associado com o movimento negativo da cabeça)⁴.

Como Fischer (1973) observou na língua de sinais americana, parece que tais ordenações fazem uso mais irrestrito do espaço (no caso das estruturas que marcam concordância com utilização de pontos no espaço) ou de alguns outros mecanismos de ordem não-manual (incluindo expressões faciais e uso do corpo)⁵.

⁴ Há uma análise em andamento de Lillo-Martin e Sander a respeito da relação de marcações não-manuais associadas às diferentes construções de diferentes línguas de sinais como possíveis manifestações do campo da prosódia. Vale destacar que desde Liddell (1980) dá-se um tratamento gramatical a tais manifestações na língua de sinais americana (como algo “colado” às estruturas gramaticais da língua de sinais americana). Para os fins propostos neste trabalho, as marcações não-manuais servem de pistas para os diferentes tipos de construções analisados neste artigo. Percebe-se diferença entre elementos não-manuais obrigatórios e opcionais. No primeiro caso, não há dúvidas em relação às construções com tópico, interrogativas, com concordância e negativas.

⁵ Quadros (1995, 1997) apresenta uma análise da utilização do espaço na língua de sinais brasileira. Este uso do espaço é bastante comum nas línguas de sinais em geral e inclui o estabelecimento de pontos (*locus*) à frente do sinalizante que representam os referentes utilizados no discurso. Tanto os sinais como a concordância verbal utilizam estes pontos para referir e retomar os referentes introduzidos no discurso. Vale destacar a possibilidade de utilizar o corpo para indicar referentes no espaço. Na literatura das línguas de sinais, este uso é referido como *role play*. O sinalizante toma os pontos estabelecidos no espaço alternativamente para “atuar” como o referente transformando o texto em discurso direto. Alguns verbos utilizam estes pontos no espaço para marcar a relação entre o sujeito e o verbo através da direcionalidade. Isso é referido neste artigo como marcação de concordância. Na língua de sinais brasileira, assim como observado em outras línguas, há verbos que utilizam estes pontos no espaço classificados como verbos com concordância e há verbos que não utilizam tais pontos sendo classificados como sem concordância. Na segunda parte do presente trabalho, será apresentada uma descrição desses verbos. Há vários estudos analisando a utilização de pontos no discurso, entre eles, vale destacar Klima e Bellugi (1979) para uma análise clássica do uso do espaço gramatical na língua de sinais americana e Liddell (1995) que apresenta uma análise detalhada e alternativa.

A extração de um objeto oracional para uma posição mais alta entre o sujeito e o verbo principal não é permitida:

(5) JOÃO PENSA [MARIA INTELIGENTE]

(6) * JOÃO [MARIA INTELIGENTE] PENSA

O João pensa que a Maria é inteligente.

Este teste foi aplicado por Fischer (1973, 1975) na língua de sinais americana verificando que nesta língua não era possível a extração de objetos oracionais para uma posição mais alta em estruturas complexas como acontece com estruturas simples em alguns contextos específicos.

- Advérbios temporais e de freqüência não podem interromper o constituinte VP que inclui o verbo e o objeto [VP[V NP]] na língua de sinais brasileira⁶. Tais advérbios podem ser focalizados apresentando uma cópia em posição final:

(7) ONTEM JOÃO COMPRAR CARRO

(8) *JOÃO COMPRAR ONTEM CARRO

(9) ONTEM JOÃO COMPRAR CARRO [ONTEM]hn

Ontem o João comprou um carro.

⁶ Note que ainda um exemplo relevante para a ordem SVO na língua de sinais brasileira está associada à exemplos com advérbios com estruturas que não podem ser geradas como *'JOÃO SEMPRE CARRO NOVO COMPRAR' ou *'ONTEM JOÃO CARRO NOVO COMPRAR'. Vale destacar que o verbo COMPRAR na língua de sinais brasileira pode ser considerado como um verbo com concordância. Se este for o caso, os exemplos mencionados passam a ser gramaticais, sendo que no primeiro exemplo haveria a associação com aspecto: 'JOÃO_a SEMPRE CARRO_b NOVO [aCOMPRAR_b+]asp' e 'ONTEM JOÃO_a CARRO_b NOVO aCOMPRAR_b'. Neste último exemplo ainda, é possível ter uma interrupção depois do advérbio, depois de JOÃO e depois de CARRO NOVO gerando esta sentença (do tipo mencionado por Carol Padden (1990) como introduções independentes de referentes com clíticos ou, segundo Lillo-Martin (1986), com a realização de um verbo com concordância em uma sentença independente com os pronomes nulos). Provavelmente, tais estruturas sejam licenciadas em função da interação com a concordância marcada no verbo e a marcação de aspecto. Considerando a interação dos advérbios com tais estruturas, apresenta-se mais um possível argumento para a ordenação SVO como sendo a ordenação básica da qual geram-se as demais derivações.

- Modais parecem ocupar a posição entre IP(ou AgrP) e VP; e as restrições observadas são similares àquelas observadas com advérbios: (i) os modais não aparecem dentro da unidade VP; (ii) os modais podem ser focalizados apresentando-se duplicado na posição final da derivação; e (iii) como consequência de (ii), a matriz dos modais pode ser nula (para OSV e SOV: OS(M)VM, S(M)OVM; para SVO: S(M)VOM):

(10) JOÃO PODER COMPRAR CARRO

(11) *JOÃO COMPRAR PODER CARRO

(12) JOÃO PODER COMPRAR CARRO [PODER]hn

(13) JOÃO COMPRAR CARRO [PODER]hn

A seguir apresentam-se alguns exemplos que indicam a disposição das categorias funcionais representadas na estrutura da frase da língua de sinais brasileira.

Construções interrogativas:

- O elemento-wh pode manter-se *in situ* ou ser movido para a posição de Spec de CP. Quadros (1999) conclui que a direção do movimento-wh é para a esquerda e que a marcação não-manual associada às derivações interrogativas se espalha obrigatoriamente sobre o domínio de c-comando de CP:

(14) [QUEM JOÃO GOSTAR]wh

(15) [JOÃO GOSTAR QUEM]wh

A marcação não-manual interrogativa WH envolve a elevação da cabeça com um movimento curto intermitente para cima e para baixo, com o franzimento da testa. Essa marcação manual está sempre associada com as construções interrogativas WH típicas, isto é, sentenças do tipo apresentado em (14) e em (15) e também em construções duplas (tratadas a seguir como construções com foco).

Construções com foco:

- FP envolve construções duplas com núcleos da sentença:

- (16) JOÃO PODER COMPRAR CARRO [PODER]foco
(17) JOÃO COMPRAR CARRO [COMPRAR]foco
(18) [QUEM JOÃO GOSTAR [QUEM]]wh

Quanto à posição de FP, Quadros (2000) sugere estar situada acima de IP. FP é projetada quando um elemento da sentença é enfatizado sendo associado ao traço [+foco] e quando não for uma interrogativa com foco. Assim, após o elemento focalizado ser movido para a checagem do traço de F, IP (ou AgrSP) (que contém o elemento focalizado) move-se para o Spec de FP. Como observado através dos exemplos, o elemento focalizado pode ser realizado foneticamente ou não. Interessantemente, observou-se que a marcação não-manual associada ao foco no final da sentença se espalha sobre o traço IP, uma vez que, embora vazio, a marcação não-manual é preservada. Quando se apresenta um elemento WH focado, propõe-se que o próprio CP tenha um traço de foco, pois não foram encontrados exemplos nesta língua em que outro componente seja focado quando há presença de estrutura WH. Portanto, a construção dupla associada à CP parece ser inerentemente focada, excluindo a possibilidade de outro elemento da sentença ser focado. Neste caso, a duplicação de WH pode ser a realização da cópia do movimento (no sentido de Nunes, 1999; Nunes & Quadros, *in progress*).

Construções com tópico:

- As construções com tópico são muito comuns na língua de sinais brasileira com o deslocamento do objeto para a posição inicial e/ou a topicalização do sujeito. A marcação não manual de tópico é associada somente com o elemento topicalizado (caráter particular das adjunções):

- (19) [_{CP} CARRO]tópico [_{CP} QUEM COMPROU]wh

Quando as construções de TopicP e de CP co-ocorrem, o tópicos está necessariamente fora do escopo de CP, uma vez que a marcação não manual associada com o CP não se espalha sobre o tópico.

Tópico é adjunto à CP com uma marcação não manual independente que co-ocorre somente com o elemento topicalizado.

Considerando essas construções, podem-se explicar as variações encontradas na língua de sinais brasileira relativas à ordem SVO. Por exemplo, FP como uma categoria independente acima de IP, explica as construções SOV com verbos sem concordância. Esta derivação é originalmente SVO com o apagamento do verbo em IP, ou seja, S(V)OV. No caso de SOV com verbos com concordância a operação pode ser outra: o verbo move-se para AgrO licenciando o movimento do objeto para o Spec de AgrOP. Algumas derivações OSV podem ser geradas por estarem associadas com tópicos (TopicP)⁷.

Percebe-se que o comportamento dos verbos parece também autorizar alguns tipos de construções e não outras dependendo de sua tipologia (verbos com e sem concordância). Assim, a próxima parte deste trabalho será analisar a tipologia dos verbos da língua de sinais e considerar suas possíveis implicações na sintaxe. Essa análise parte da descrição da estrutura da frase da língua de sinais brasileira apresentada até aqui. Primeiramente, será apresentada uma breve descrição da tipologia dos verbos da língua de sinais brasileira. Posteriormente, será realizada uma análise da concordância na língua de sinais brasileira e demais línguas de sinais, uma vez que há propostas que colocam em cheque a existência da concordância nestas línguas. Serão apresentadas várias evidências de ordem lingüística e psicolingüística sobre o reconhecimento da concordância gramatical nas línguas de sinais.

Uma breve tipologia dos verbos nas línguas de sinais

Antes de considerar o comportamento dos verbos na língua de sinais e suas implicações na sintaxe, faz-se necessária uma bre-

⁷ Vale destacar que tais análises merecem ser revistas considerando o fato de serem iniciais. A língua de sinais brasileira passou a ser investigada no âmbito da Teoria Gerativa a partir de Quadros (1995, 1999); portanto, há muito a ser investigado.

ve discussão sobre os diferentes tipos de verbos encontrados na língua de sinais brasileira. Quadros (1999) simplificou a classificação dos verbos na língua de sinais brasileira em verbos com e sem concordância verbal (*non-plain* e *plain verbs*). Essa opção justificase, pois acomoda em duas classes verbais todas as formas verbais encontradas na língua de sinais brasileira devidamente explicadas através das propostas de Lasnik (1995) e Bobaljik (1995) que também desenvolvem análises com duas possibilidades, posteriormente apresentadas em mais detalhes. No entanto, há outras manifestações que compreendem expressões verbais que poderiam complicar a análise. Por exemplo, os verbos chamados de 'verbos manuais' (*handling verbs*) e os próprios classificadores. Assim, será apresentada a seguir uma breve descrição da tipologia dos verbos investigada em diferentes línguas de sinais.

Os verbos sem concordância

São verbos que não se flexionam em pessoa e número e não tomam afixos locativos, mas se flexionam em aspecto. Exemplos dessa categoria na língua de sinais brasileira são CONHECER, AMAR, APRENDER, SABER, INVENTAR, GOSTAR.

Os verbos com concordância

São verbos que se flexionam em pessoa, número e aspecto. Tais verbos estabelecem uma trajetória no espaço partindo de um ponto em direção a outro ponto, estabelecidos no espaço (normalmente, sujeito e objeto da sentença, respectivamente). Exemplos dessa categoria na língua de sinais brasileira são DAR, ENVIAR, RESPONDER, PERGUNTAR, DIZER, PROVOCAR. Quadros (1999) incluiu os verbos "especiais" nesta classificação. Tais verbos possuem afixos locativos, como por exemplo, VIAJAR, IR e CHEGAR. Vale destacar que muitos autores (por exemplo, Padden, 1988) fazem a distinção entre os verbos com concordância e os verbos locativos. Quadros optou por incluí-los nesta categoria, uma vez que, sintaticamente, tais verbos parecem apresentar o mesmo com-

portamento, ou seja, têm traços a serem checados gerando o desdobramento de IP em Agr e TP.

Vale mencionar que alguns verbos podem ser classificados como sem concordância ou com concordância. São verbos que são classificados como sem concordância, mas que podem ser sinalizados em um determinado ponto incorporando o referente. Lillo-Martin e Quadros (em elaboração) verificaram que tais verbos apresentam o mesmo comportamento sintático de verbos com concordância quando se comportam incorporando o ponto no espaço. O teste para tal constatação relaciona-se com a distribuição da negação conforme será apresentado em detalhes posteriormente. Os verbos sem concordância não admitem a negação antes do verbo, ao contrário dos verbos com concordância na língua de sinais brasileira.

(20) TU [aCOMPRARb], DEPOIS [bTRAZERc]

Tu compras (as coisas) e depois trazes (para mim)

(21) TU NÃO [aCOMPRARb].

(22) *TU NÃO COMPRAR

Aspecto pode ser marcado tanto em verbos com ou sem concordância. Isso indica Aspecto ser uma categoria funcional independente. Os verbos associados com aspecto na língua de sinais brasileira aparecem em posição final:

(23) JOÃO CARTA [ESCREVER+]aspecto

(24) *JOÃO [ESCREVER+]aspecto CARTA

João escreve muitas cartas.

Ainda dentro da classificação de verbos com concordância, Quadros (1999) incluiu os verbos que podem ser chamados de 'verbos na contra-mão' (*backward verbs*). Tais verbos iniciam a trajetória do sinal na posição do objeto e concluem-na na posição de sujeito, ao contrário dos demais verbos com concordância que iniciam sua trajetória na posição do sujeito em direção à posição do objeto. Na

língua de sinais brasileira há verbos que ilustram este tipo de verbo: PEGAR, BUSCAR, CHAMAR⁸.

Os verbos “manuais” (handling verbs)

Os verbos manuais envolvem uma configuração de mão em que se representa estar segurando um objeto na mão. Tais verbos são usados nas seguintes sentenças:

(25) [JOÃO]tópico [PAREDE]tópico [PINTAR-ROLO]
João pinta a parede com o rolo.

(26) [JOÃO]tópico [PAPEL]tópico [PINTAR-PINCEL]
João pinta o papel com o pincel.

(27) [JOÃO]tópico [DESENHO]tópico [PINTAR-LÁPIS]
João pinta o desenho com o lápis.

Assim como observado com os verbos associados com aspecto, os verbos manuais finalizam a sentença. Primeiro situa-se sobre o que está se falando e assim defini-se que tipo de verbo manual será usado assim como nas construções tópico-comentário.

A classe dos verbos manuais poderia incluir os classificadores que incorporam a informação verbal da sentença, pois também incorporam o objeto quando este é o caso. Além dessas informações, os classificadores podem incorporar número e grau. Liddell (1980) refere este tipo de exemplo na língua de sinais americana como ‘predicados complexos’. Segue abaixo alguns exemplos na língua de sinais brasileira:

(28) [JOÃOa]tópico [CARROb]tópico [CL(carro)-BATER-
POSTE+|cl]
O João estava de carro e bateu no poste detonando completamente o veículo.

(29) [JOÃOa]tópico [CARROb]tópico [CL(carro)-BATER-
POSTE - |cl]

⁸ Irit Meir (1998) apresenta um tratamento destes tipos de verbos na língua de sinais israelense através de uma análise sintática e semântica.

O João estava de carro e deu uma batidinha no poste.

(30) [JOÃO_{Oa}] [MARIAb] [CL(pessoa)-CRUZAR-UMa-PELO-OUTRO_b]

O João cruzou pela Maria.

(31) [CENTRO]tópico [PESSOASa] [CL(pessoas)-CRUZANDO-ENTRE-SI_b]

No centro, várias pessoas cruzam entre si.

Assim como mencionado por Lillo-Martin (2002), esse tipo de construção parece romper com todas as regras na língua de sinais em todos os níveis de análise (sintático, morfológico e fonológico), uma vez que apresenta um comportamento completamente incomum considerando as análises clássicas de um item lexical.

Liddell (1980) apresenta exemplos da língua de sinais americana assumindo que há algum tipo de iconicidade associado que justificaria algumas construções com mudança da ordem *standard* dessa língua que também é SVO. Liddell propõe que a informação sobre a relação entre a atividade e o objeto envolvido é claramente expressada de forma espacial num sentido pictórico. Um exemplo seria (32) na língua de sinais americana análogo a (33) na língua de sinais brasileira:

(32) WOMAN PIE PUT-IN-OVEN (Liddell, 1980:89-91)

(33) MULHER TORTA COLOCAR-NO-FORNO

A Mulher colocou a torta no forno.)

Liddell também observou que há possibilidade de estruturas OSV serem geradas na língua de sinais americana sem marca de tópico em exemplos em que há um predicado complexo (mencionados como classificadores anteriormente). Tais predicados são considerados complexos porque, através de um único sinal, o sinalizador expressa um locativo e um nome. A seguir apresentam-se dois exemplos considerados relevantes que se apresentam tanto na língua de sinais americana (34 e 36) como na língua de sinais brasileira (35 e 37):

(34) BALL JOHN SWING-A-BAT (Liddell, 1980:91-100)

(35) BOLA JONH BATEU-COM-UM-TACO

John bateu na bola com um taco.

(36) FENCE CAT SLEEP (Liddell, 1980:91-100)

(37) CERCA GATO DORMIR

O gato dormiu na cerca sentado.

Todos estes exemplos ilustram os verbos “manuais” tanto na língua de sinais americana como na língua de sinais brasileira. São os verbos chamados de ‘*handling verbs*’ por alguns autores quando incluem um instrumento e/ou ‘predicados complexos’ por outros autores.

Observem que tais verbos apresentam um comportamento sintático comum, aparecem na posição final da sentença. Assim, provavelmente tais verbos tenham outros traços associados a diferentes categorias que extrapolam IP (ou AgrP e TP). Em relação à classificação de verbos com e sem concordância apresenta-se a seguinte questão: será que há mesmo concordância gramatical nas línguas de sinais?

O comportamento dos verbos e a questão da concordância

Concordância é um fenômeno lingüístico no qual a presença de um elemento em uma sentença requer uma forma particular de outro elemento que é gramaticalmente ligado ao primeiro elemento. Em muitas línguas, a forma particular do segundo elemento, normalmente um verbo, depende de traços-phi do primeiro elemento, tipicamente o sujeito da sentença. Uma característica comum entre as línguas com concordância marcada é que todas apresentam concordância com o sujeito. Em alguns casos, há marcação de concordância com o objeto. No entanto, nas línguas de sinais, com verbos que marcam concordância, essa é obrigatória com o objeto, podendo ou não ser realizada com o sujeito. Classicamente, enten-

de-se concordância verbal nas línguas de sinais como a relação que se estabelece entre um determinado ponto em direção a outro ponto previamente estabelecidos no espaço. Tais pontos, também chamados de *locus*, referem o sujeito e o objeto da sentença. Assim, o verbo utiliza o espaço estabelecendo uma trajetória entre o sujeito e o objeto envolvendo as relações argumentais presentes no discurso, conforme já mencionado anteriormente com os verbos que marcam a concordância (*non-plain verbs*, verbos com concordância).

Uma das grandes questões em relação às línguas de sinais é a seguinte: a marcação classicamente denominada concordância é de fato concordância? Tem-se assumido que a concordância nas línguas de sinais é marcada abertamente em verbos do tipo DAR, PERGUNTAR, AJUDAR em diferentes línguas de sinais (entre elas, língua de sinais alemã, língua de sinais americana, língua de sinais holandesa, língua de sinais australiana, língua de sinais brasileira (Suppala, 1986; Mathur e Rathmann, 2001; Mathur, 2000; Quadros, 1999)).

Ao longo das investigações das línguas de sinais, há uma certa evolução nas análises destes verbos. Entre as diferentes propostas, Klima e Bellugi (1979) analisam a direção do verbo que acontece de acordo com o *locus* em um plano horizontal como sendo um processo flexional que reflete a referência indexical. Nesse caso, a direcionalidade incorporada ao verbo estaria assumindo a função flexional. Meier (1980; 1990) analisa essa direcionalidade, tratada por Klima e Bellugi, como morfemas dentro do verbo que corresponderiam ao objeto (e ao sujeito) ocorrendo simultaneamente com o verbo. Liddell e Johnson (1989) e Sandler (1989) desenvolvem modelos que não são apenas simultâneos, mas apresentam uma seqüência estrutural como, por exemplo, um sinal que pode ter duas configurações de mão ou locações em uma seqüência. Esta proposta tornou possível uma análise do morfema de concordância consistindo de traços de locação como afixo independente que é unido ao verbo não especificado para a locação. Lillo-Martin e Klima

(1990), Bahan (1996) e Meir (1998) assumem que o *locus* é representado como uma variável no sistema lingüístico determinado pelo discurso. Para esses autores, não há necessidade de marcar o *locus* abertamente no nível da sintaxe, uma vez que os índices são suficientes para garantir a referência.

Por uma análise alternativa, Liddell (1990, 1995) sugere que os pontos no espaço devem ser descritos como entidades mentais (pictóricas). Segundo sua análise, tais entidades não podem fazer parte do sistema lingüístico, pois envolvem espaços reais contendo uma representação mental do objeto/referência em si. Assim, não há necessidade de definir o *locus* fonológica e morfologicamente. A versão de Liddell tende a analisar tais construções como expressões de ordem não sintática. Esse viés é retomado nas suas análises mais atuais excluindo por completo uma análise de ordem sintática nos termos analisados até então considerando a teoria lingüística e os estudos das línguas em geral. Sua versão, na verdade, resulta de uma atenção especial às diferenças, uma vez que assim poder-se-ia estar adentrando nos limites da teoria lingüística (Liddell, 2002). Liddell (1990, 1995) considera que os pontos estabelecidos no espaço que são incorporados pelos verbos, no que vem se chamando de concordância, não podem ser analisados morfologicamente, uma vez que tais pontos são indeterminados. A partir de suas análises, ele conclui que não há concordância verbal na língua de sinais americana. Para o autor, o que acontece é uma indicação de natureza gestual combinada com elementos de ordem lingüística dos sinais.

Rathmann e Mathur (2002) analisam a proposta de Liddell e mostram que o problema da concordância se apresenta considerando os níveis de variação fonética dos *locus* em línguas de sinais que podem ser de ordem formal e de determinação de fronteiras. No primeiro caso, se se estabelecesse um ponto no espaço para JOÃO no lado esquerdo, tenta-se voltar ao mesmo ponto ao referir JOÃO durante o discurso. No segundo caso, um ponto diferente do

ponto estabelecido para JOÃO pode ter um significado diferente. Uma vez que há correspondência entre o ponto e o referente, cada *locus* deve ser listado no léxico. Portanto, o critério do léxico que determina listabilidade não é observado. Assim, o problema de infinitude está relacionado com a listabilidade⁹.

Mesmo assim, vários pesquisadores assumem a concordância como sendo separada da entrada lexical do verbo e como sendo de natureza lingüística em oposição a proposta alternativa de Liddell (1995, 2002). A seguir, serão apresentados vários argumentos que evidenciam as propriedades lingüísticas da concordância verbal nas línguas de sinais e a proposta de Rathmann e Mathur para a questão da listabilidade (Rathmann e Mathur, 2002; Lillo-Martin e Klima, 1990; Meier, 1990; Lillo-Martin, 2002; Quadros, 1999).

A concordância nas línguas de sinais como elemento gramatical justifica-se a partir de vários aspectos gramaticais. Entre eles, os pesquisadores mencionam os seguintes fatos lingüísticos:

- a existência de uma assimetria verbal entre os diferentes tipos de verbos encontrados nas línguas de sinais;
- as formas para primeira pessoa e não-primeira pessoa serem diferentes;
- a presença de marcação de número nos verbos apresentarem múltiplas formas em diferentes línguas de sinais;
- a existência de auxiliar em algumas línguas de sinais que expressam a relação sujeito-verbo-objeto nas construções com verbos que não marcam concordância;
- a associação da concordância verbal na língua de sinais a diferentes tipos de verbos em relação às propriedades semânticas de seus argumentos (seleção de argumentos animados e inanimados);

⁹ Apesar dos *locus* de não-primeiras pessoas fazerem parte de um conjunto que apresenta "ligação" dentro do discurso conforme analisado por Meier (1990), ainda assim a questão da listabilidade apresenta-se como sendo problemática.

- a evidência da existência do estágio de infinitivos opcionais no processo de aquisição das crianças com sentenças contendo verbos sem concordância em oposição às sentenças contendo verbos com concordância.

Cada um desses fatos será abordado em mais detalhes a seguir. O primeiro refere à existência de uma assimetria entre diferentes tipos de verbos nas línguas de sinais. Apesar de a língua de sinais brasileira ser uma língua de núcleo inicial, ao longo das análises, Quadros (1999) observou a existência dessa assimetria entre duas classes verbais que apresentam repercussão na estrutura dessa língua. Essa assimetria é observada entre verbos com e sem concordância (*non-plain* e *plain verbs*). Entre os fatos que identificam essa assimetria, citam-se os seguintes:

- As sentenças com verbos que apresentam concordância (por exemplo, ENVIAR) parecem apresentar mais flexibilidade na ordem do que aquelas contendo verbos sem concordância (como GOSTAR, por exemplo):

(38) [JOÃO_a] [MARIAb] aENVIAR_b CARTA

O João à Maria enviou a carta.

(39) *[JOÃO_a] [MARIAb] GOSTAR

O João da Maria gosta.

- As marcas não-manuais parecem ser obrigatórias com os verbos que apresentam concordância e opcionais com os verbos que não apresentam concordância:

(40) *JOÃO aENVIAR_b CARTA MARIA.

(41) JOÃO [aENVIAR_b CARTA MARIA]_{conc}

(42) JOÃO GOSTAR MARIA

(43) JOÃO GOSTAR [MARIA]_{conc}

- Os argumentos nulos com verbos com concordância são instâncias de uma língua *pro-drop*, enquanto, não o são com verbos sem concordância (mais detalhes ver em Quadros, 1995):

(44) *JOÃO GOSTAR *pro*

(45) JOÃO_a [aENVIAR_b] *pro* CARTA *conc*

- A distribuição da negação é diferente entre sentenças contendo verbos com e sem concordância:

(46) *JOÃO NÃO GOSTAR MARIA

O João não gosta da Maria.

(47) JOÃO_a NÃO [aENVIAR_b CARTA MARIA_b] *conc*

O João não enviou a carta à Maria.

Para acomodar tal assimetria foi elaborada uma proposta que resulta da combinação entre o tratamento dado por Lasnik (1995) à assimetria da morfologia verbal para captar a distribuição morfológica dos verbos em diferentes línguas e o parâmetro para concordância proposto por Bobaljik (1995), que acomoda diferenças entre a manifestação de concordância entre as línguas.

Lasnik assume que verbos podem ser inseridos na derivação de duas formas: puros ou totalmente flexionados. Se os verbos forem inseridos totalmente flexionados, Infl é *featural* (contém traços a serem checados) (cf. Chomsky, 1995). Por outro lado, se os verbos forem introduzidos puros na derivação, seus afixos serão inseridos independentemente em Infl e a associação destes afixos com o verbo será feita através da operação de junção (*Merge*), restringida pela condição de adjacência.

Bobaljik (1995) assume que se a afixação e junção se dão durante a derivação observando adjacência, a sintaxe é cega a elas. Assim, a sintaxe não irá projetar a categoria funcional de concordância na estrutura da frase. Por outro lado, se os afixos associados com os verbos são associados com traços, estes devem ser checados em Agr em algum ponto da derivação. Portanto, neste último caso, a sintaxe deve projetar a categoria de concordância. Com base nesta distribuição, Bobaljik apresenta o parâmetro de concordância que apresenta duas opções: as línguas podem fixar uma estrutura com o IP desmembrado em AgrP e TP ou apresentar somente IP.

Considerando os fatos observados na língua de sinais brasileira ao se aplicarem os testes propostos por Lasnik (1995) e Bobaljik (1995)¹⁰, Quadros (1999) justifica a existência de duas representações da estrutura da frase: uma com a projeção de IP para captar as derivações que apresentam verbos sem concordância, e outra com a projeção de AgrP e TP para acomodar as derivações que apresentam os verbos com concordância.

Cabe ressaltar que nessa análise não foram considerados os verbos classificadores que podem incluir, pelo menos, além da informação verbal, o sujeito e/ou o objeto, aspecto e número. Tais construções são fundamentais na proposta alternativa de Liddell que exclui uma análise com concordância gramatical. Apesar da existência destes classificadores ser aparentemente estranha à sintaxe, parece que o sistema lingüístico é ordenado de forma linear em algum nível que obviamente não é trivial. É de se notar que não há uma ordenação caótica nas sentenças incluindo os verbos manuais e os classificadores. Isso indica que, apesar das características essencialmente visuais e espaciais, há restrições quanto à ordenação dos constituintes na estrutura.

Chen (1998) analisou as construções com verbos 'manuais' na língua de sinais americana e percebeu que uma mão sempre serve de 'base' para o verbo. A autora chega a mencionar que tais verbos possuem uma "propriedade misteriosa" que licenciam a ordem modificada SOV espacial e sem concordância. Chen menciona a proposta de Padden (1990) que analisa tais verbos como tendo associados a eles clíticos que licenciariam as mudanças na ordem. No entanto, se tais construções envolvem clíticos, há aspectos de modalidade das línguas de sinais que caracterizam 'clíticos' como um fenômeno diferente das línguas faladas.

Há uma proposta diferenciada da autora para acomodar tais verbos na estrutura da frase na língua de sinais americana

¹⁰ Ver Quadros (1999) para a análise desta proposta com os exemplos relevantes da língua de sinais brasileira.

baseada em Matsuoka (1997) que propõe que o afixo do verbo associado com aspecto deve ser movido com base no Princípio *Enlightened Self Interest* (Lasnik, 1995b). Chen propõe que o mesmo aplica-se aos verbos manuais assumindo que tais verbos estariam associados com aspecto. Seguindo a análise de Matsuoka para os casos associados com aspecto, o movimento do verbo para uma posição mais alta pode ocorrer gerando a estrutura SOV. Isso é possível em suas análises, uma vez que o verbo deve mover-se para juntar-se ao seu afixo de aspecto no núcleo da categoria Aspecto de acordo com o princípio *Enlightened Self Interest* (Lasnik, 1995b) conforme já mencionado. Assim, os verbos 'manuais' também poderiam estar sendo movidos para uma posição mais alta na estrutura, uma vez que eles teriam uma projeção independente relacionada a eles.

Assim, Matsuoka deriva estruturas com aspecto como a seguinte:

(48) SALLY e PAPER TYPE[asp]

(49) SALLY ARTIGO DIGITAR+

A Sally digita incessantemente o artigo.

Esta proposta também incluiria construções OSV, pois a elevação do objeto para Spec do sintagma de Aspecto é possível devido à elevação do verbo para fora de VP. Essa conclusão está considerando a generalização de Holmberg que conclui que o movimento do objeto é licenciado somente quando o verbo for elevado para fora de VP. Matsuoka propõe que as derivações de sentenças com aspecto envolvem elevação do verbo para Infl e movimento do objeto. Ela assume que [aspecto] é um traço-V de Infl. Quando o traço de [aspecto] for incluído entre os traços-V, Infl torna-se forte e, portanto, deve ser checado na sintaxe aberta. Depois que o verbo checou seus traços, o movimento do objeto é licenciado derivando a ordem OSV. Considerando as análises de Matsuoka, Chen propõe que as instâncias de estruturas que fo-

ram apresentadas na língua de sinais americana sem marca de tópico sejam também explicadas desta forma.

Vale considerar, no entanto, que Braze (1997) identificou problemas com a proposta de Matsuoka (1997) através da interação com advérbios e modais e a elevação do objeto. Através de vários testes, Braze concluiu que o movimento do objeto na língua de sinais americana parece, de fato, ser licenciado para posições não argumentais mais altas do que a posição de Spec de Aspecto.

Note-se que tais construções seguem o mesmo padrão: todas ocupam a posição final da sentença. Com os classificadores, o predicado complexo inteiro que inclui o verbo ocupa esta posição. Todos os exemplos estão ou associado com a marcação não-manual de concordância ou com a marcação não manual de tópico¹¹. Em termos estruturais, a posição final também é ocupada pelo foco que usualmente está associada com o movimento da cabeça, mas têm-se exemplos de que há restrições de tal posição ser ocupada por argumentos oracionais. Uma hipótese possível seria considerar estas construções manuais apresentando relação, em alguma instância, com as construções de foco, mas tais argumentos oracionais serem considerados pela sintaxe nucleares, uma vez que morfologicamente apresentam características de um único sinal. A seguir apresentam-se tais exemplos derivados com a topicalização e, talvez, associados com foco e aspecto:

(50) [JOÃOa]tópico [PAREDEb]tópico [PINTAR-ROLO] hn
João pinta a parede com o rolo.

(51) [JOÃOa]tópico [CARROb]tópico [CL(carro)-BATER-
POSTE+]cl hn

¹¹ Uma proposta interessante de análise seria aplicar os testes de Quadros (1999) para identificar os verbos com e sem concordância a estes verbos manuais e com classificadores. Não houve tempo hábil para esse artigo, mas seria um teste interessante, apesar de ser dificultado pelo fato de tais verbos sempre estarem associados à projeção de aspecto ou, talvez, a uma outra projeção que force o movimento do verbo e dos demais componentes da sentença para fora de VP.

O João estava de carro e bateu no poste detonando completamente o veículo.

(52) [JOÃOa]tópico [CARROb]tópico [CL(carro)-BATER-POSTE]cl hn

O João estava de carro e deu uma batidinha no poste.

(53) [JOÃOa]tópico [MARIAb]tópico [CL(pessoa)-CRUZAR-UMa-PELO-OUTROb] hn

O João cruzou pela Maria.

(54) [CENTRO]tópico [PESSOASa] [CL(pessoas)-CRUZANDO-ENTRE-SIb] hn

No centro, várias pessoas cruzam entre si.

Analisar tais derivações como instâncias de foco e/ou tópico favorecem as análises de Braze (1997) de que o movimento do objeto é para categorias não argumentais.

Outro argumento que considera a existência da concordância nas línguas de sinais envolve as formas de primeira e não primeira pessoa nas línguas de sinais conforme análise de Meier (1990). Havendo tal diferenciação e havendo “concordância” dos verbos diferenciada em relação a cada uma das duas formas, supõem-se a existência da concordância gramatical.

Lillo-Martin e Klima (1990) discordam de Meier (1990) e apresentam uma análise detalhada do estabelecimento dos pontos no espaço e no corpo tratados na literatura sobre línguas de sinais como pronomes. Os autores analisam o sistema pronominal na língua de sinais considerando os seguintes fatores:

- a) número potencialmente infinito de formas pronominais distintas;
- b) referentes não ambíguos;
- c) possibilidade de mudança de referência. (Lillo-Martin e Klima, 1990:196)

Uma das propostas rejeitada pelos autores para explicar (a) e (b) seria de considerar que havendo um número infinito de possí-

veis pontos estabelecidos, haveria um número infinito de formas pronominais no léxico mental do sinalizante. Isso não parece nada plausível, uma vez que o léxico teria que prever uma lista de um número infinito de formas, cada uma delas podendo ser direcionada para um específico *locus*. Esse problema, inclusive, é retomado por Liddell (1995) como uma das razões para o abandono de uma análise de tais pontos como pronominais. Assim, os Lillo-Martin e Klima propõem que as distinções pronominais não sejam distinções lexicais, mas sim que representem um uso de pontos “livres” do espaço com distinções significativas na forma com apenas um único pronome listado no léxico. Esse pronome seria marcado com um índice assim como nas línguas faladas com a diferença de que tais índices nas línguas de sinais sejam possivelmente realizados. Neste caso, os pronomes marcados na língua de sinais americana com um *locus* ‘x’ representariam um sinal fisicamente direcionado para o *locus* ‘x’. Esse sinal, então, seria interpretado no discurso como o referente assinalado neste ponto ‘x’. Entendendo dessa forma, a concordância gramatical estaria sendo estabelecida entre os argumentos do discurso através da incorporação flexional de tais índices realizados fisicamente em tais pontos e interpretados discursivamente. Quanto a não ambigüidade dos pronomes na língua de sinais americana, os autores sugerem que isso se dê, uma vez que as referências são explícitas não possibilitando a interpretação discursiva ambígua. Em relação à questão apresentada em (c), os autores analisam a possibilidade de haver uma operação discursiva que interpreta $x = y$. Essa mudança se aplica tanto para a referência pronominal como para a concordância verbal. A proposta aqui delineada apresenta uma análise que busca conciliar os fatos lingüísticos com uma abordagem sintática e discursiva.

No entanto, no caso de não se considerar a análise no campo discursivo de Lillo-Martin e Klima (1990) e manter-se a proposta de Meier (1990) em relação à existência de pronomes para primeira e não-primeira pessoa, permanece o problema da infinitude levanta-

do por Liddell e retomado por Rathmann e Mathur (2002) como o problema relacionado com a listabilidade. Ao considerar a proposta de Meier, Rathman e Mathur resolvem o problema da listabilidade em relação à primeira pessoa, por conter apenas um único membro listado no léxico. No entanto, isso não se aplica a não-primeira pessoa, pois esta apresenta um conjunto infinito de possibilidades e é essa categoria que não é listável no léxico. Nesse sentido, Rathmann e Mathur propõem que, assim como com as línguas faladas, os elementos que determinam a concordância verbal são os argumentos de ordem estrutural, os índices (ou mais precisamente, os traços-phi) dos NPs e a condição de visibilidade destes NPs para atribuição dos papéis-theta (ou seja, eles devem ser visíveis ou devem ser determinados através do Caso abstrato (cf. Chomsky, 1981) ou ainda através da co-indexação com um morfema no verbo através da concordância ou do movimento (cf. Baker, 1996)). Nas línguas de sinais, o NP será visível para a atribuição dos papéis-theta através da concordância. Assim, o problema da infinitude é tratado da mesma forma que nas línguas faladas. No entanto, há problemas que permanecem relacionados à listabilidade. Na verdade, os problemas não são de ordem sintática, mas de ordem fonológica e morfológica. Segundo Rathmann e Mathur, as diferenças entre as línguas sinalizadas e as línguas faladas apontadas por Liddell estão no nível da interface articulatória-perceptual (modelo de Jackendoff, 1992). Essa proposta, retira o 'locus' do módulo da fonologia e acomoda-o na interface, pois o módulo da fonologia não é suficientemente sofisticado para incluir este tipo de expressão conceitual (referencial) e não há informação suficiente que justifique a articulação do locus no módulo da fonética (o locus pode tomar diferentes formas e tamanhos determinadas manualmente através do espaço "gestual"). Assim, o 'locus' é uma realização gestual que é determinada na interface entre o sistema lingüístico e a estrutura conceitual. A proposta de Rathmann e Mathur é uma alternativa teórica conciliadora e merece ser analisada em detalhes considerando suas implicações nas análises das línguas de sinais.

O fato da marcação de número nos verbos apresentar diferentes padrões também favorece a análise da existência da concordância nas línguas de sinais. Fischer e Gough (1978) e Klima e Bellugi (1979) identificaram a marcação de número na língua de sinais apresentando vários padrões produtivos incorporados aos verbos. Fischer e Gough identificaram a reduplicação com movimento horizontal e, ainda, a mudança na configuração da mão com inclusão de mais dedos ou acréscimo de outra mão ao sinal produzido com apenas uma mão para indicar a marcação de número. O fato de tais ocorrências serem produtivas indica a existência de um tipo de concordância na língua de sinais americana. Vale destacar que estes mesmos padrões são observados na língua de sinais brasileira conforme ilustram os exemplos a seguir:

(55) EU_a aOLHAR_b ELE_b. (com o sinal de OLHAR produzido com apenas uma mão e dois dedos)

(56) ELE_{Sc} cOLHAR_b EU_b (com o sinal de OLHAR produzido com todos os dedos das duas mãos)

Também vale destacar a existência de auxiliares em algumas línguas de sinais que parecem desempenhar exclusivamente a função da concordância com aqueles verbos que não apresentam esse componente gramatical. Smith (1990) analisou o auxiliar existente na língua de sinais taiwanêsa. Interessantemente, Smith apresenta uma descrição dos verbos com concordância nessa língua em oposição aos verbos sem concordância que não apresentam flexão para sujeito ou objeto ou qualquer mudança na sua forma para indicar qualquer tipo de informação locativa. Por outro lado, os verbos com concordância nessa língua de sinais apresentam marca de gênero, de número e de pessoa. O auxiliar do tipo 1 encontrado por Smith tem a função de substituir a informação de concordância do sujeito e do objeto da sentença e podem conter a informação de gênero do sujeito e do objeto (assim como os verbos com concordância). Na língua de sinais brasileira, parece haver um auxiliar similar a este descrito por Smith. É um auxiliar que esta-

belece a relação entre o sujeito e o objeto, mas, diferentemente do auxiliar identificado por Smith como do tipo 1, somente aparece em sentenças com verbos sem concordância em que houve mudança na ordem dos constituintes. Assim, o auxiliar que aparece nesses contextos restritos parece compensar a falta de concordância em sentenças com ordenações irregulares a fim de salvá-las enquanto derivações aceitáveis. O fato de haver sinais que contenham apenas a informação gramatical de concordância sem nenhuma outra informação semântica não funcional em algumas línguas de sinais é um dado significativo para a análise da concordância nas línguas de sinais¹².

Para concluir, vale considerar ainda alguns dados encontrados no processo de aquisição da sintaxe em crianças surdas, filhas de pais surdos. Quadros, Lillo-Martin e Gaurav (1998, 2001) apresentam evidências da aquisição da língua de sinais americana e da língua de sinais brasileira para a generalização da existência de sujeitos nulos no estágio de infinitivo opcional (IO) (Wexler, 1995, 1998). Tal estágio é observado em línguas ou contextos em que sujeitos nulos não são permitidos, enquanto não é observado em línguas ou contextos em que estes são permitidos. Tanto em uma língua como na outra têm sujeitos nulos nos contextos em que há concordância verbal, enquanto que nos demais contextos não apresentam tais elementos nulos. Analisando longitudinalmente a produção espontânea de crianças surdas entre 1:08 e 2:10, verificou-se que os verbos sem flexão são usados com mais frequência do que os verbos com flexão, no entanto, os verbos com flexão corretamente flexionados são usados por todas as crianças e, raramente as crianças apresentam alguma omissão. O uso correto de sujeitos e objetos nulos com verbos com concordância indica marcação correta do parâmetro. E, o grande número de sujeitos nulos (versus objetos) com verbos sem

¹² Rathman, em comunicação pessoal no *Theoretical Issues of Sign Language Research* em 2002 na Holanda, também falou da existência de um auxiliar na língua de sinais alemã. Nessa língua, o auxiliar também é usado exclusivamente com verbos sem concordância. No entanto, diferente da língua de sinais brasileira, o auxiliar aparece com todos os verbos sem concordância independente da ordenação dos constituintes.

concordância indica que estes podem ser IO - consistente com as generalizações IO. A inexistência de IOs observada é consistente com a generalização de que contextos de sujeitos nulos não resultam em IOs. Assim, mais uma evidência é apresentada no contexto da sintaxe gerativa para se considerar a concordância como uma manifestação gramatical nas línguas de sinais.

As perspectivas de pesquisas na área ampliam-se incluindo possibilidades de avanços no nível das investigações das interfaces. O presente trabalho apresentou uma série de evidências na língua de sinais brasileira para uma análise sintática da concordância e, ao mesmo tempo, abre este caminho para análises no nível das interfaces.

Conclusões preliminares

O ponto chave das análises desenvolvidas até aqui está relacionado com o fato da língua de sinais ser ou não ser analisável como as línguas faladas considerando-se suas peculiaridades em função da modalidade espacial. Ao que tudo indica, as derivações visuais-espaciais seguem a mesma lógica das derivações orais-auditivas, ou seja, observam-se restrições na organização sintática que delimitam as possibilidades existentes na derivação de sentenças. No entanto, as observações de Liddell são pertinentes, em especial, quanto à organização morfológica das palavras classificadoras, apesar de haver argumentos favoráveis a uma análise nos padrões clássicos (Suppala, 1982, 1986) e na perspectiva gerativista (Benedicto e Brentari, em elaboração). Lillo-Martin (2002) apresenta a partir dessas considerações a seguinte questão: as línguas de sinais podem oferecer alguma informação nova quanto ao nível de interface articulatório-perceptual? Nesse sentido, cabe considerar o estabelecimento de pontos no espaço. Do ponto de vista de Liddell, tais pontos não podem ser analisados como representações gramaticais, mas sim pictóricas. De fato, tais pontos não seguem os padrões de análise morfológico clássico, no entanto, as

evidências sintáticas acomodam as análises dentro da perspectiva da teoria lingüística. Assim, mais uma vez, apresenta-se a questão levantada por Lillo-Martin. Aqui surge ainda outra questão, as informações gramaticais atreladas às marcas não-manuais que também apresentam um caminho de possibilidades de contribuições para o entendimento das interfaces. Neste contexto, o presente trabalho analisou a assimetria entre verbos que marcam e que não marcam concordância. As evidências apontam para uma análise gramatical da concordância enquanto traços-phi. Por outro lado, assim como proposto por Rathmann e Mathur e acomodando a versão de Liddell, as marcações chamadas neste trabalho como 'manuais' (ou gestuais por Rathmann e Mathur, ou ainda representações espaciais mentais pictóricas por Liddell) podem ser classificadas como concordância no sentido sintático, mas apresentarem repercussões no nível articulatório-perceptual.

Muitas pesquisas sobre a estrutura das línguas de sinais têm considerado tais questões, mas ainda há muito a ser investigado. Por um lado, existe uma preocupação em relação aos efeitos das diferenças na modalidade fazendo com que os estudos das línguas de sinais sejam extremamente relevantes. Por outro lado, as similaridades encontradas entre as línguas faladas e as línguas sinalizadas parecem indicar a existência de propriedades do sistema lingüístico que transcendem a modalidade das línguas. Assim, como mencionado na introdução deste trabalho, as línguas de sinais, independente da modalidade em que se manifestam, são expressões da natureza da linguagem humana regidas pelos mesmos princípios que regem quaisquer outras línguas humanas.

ABSTRACT: *The proposal in this paper is, first of all, to present some of the grammatical aspects from Brazilian Sign Language through a brief description of its phrase structure. This description is needed, since this paper is for linguists in general, specially, linguists that work with the generative framework that are not familiar with sign language research. After, the point will be some*

problems observed in structures generated with different kinds of verbs that seem to be not account with standard analyses, because of modality effects. The specific goal is to explore the syntactical repercussions of this kind of structures assuming that sign languages, as any other natural languages, follow the same principles that restrict the human languages and that, they can, therefore, to use the same theoretical and technical framework from the Gerative Theory.

KEYWORDS: *sign language; gerative grammar; verbal morphology*

BIBLIOGRAFIA:

- BAHAN, B. (1996) *Non-manual realization of agreement in American Sign Language*. Ph.D. Dissertation, Boston University, Boston, MA.
- BOBALJIK, J. D. *The syntax of verbal inflection*. Ph.D. Dissertation. MIT. MIT Working Papers in Linguistics. 1995.
- BRAZE, D. Objects, Adverbs and Aspect in ASL. In *Is the Logic Clear? Papers in Honor of Howard Lasnik*. Kim, J-S. and Stjepanovic (eds.) University of Connecticut. Working Papers in Linguistics 8. 1997:21-54.
- BENEDICTO, E. e BRENTARI, D. (in preparation) Where did all the arguments go? Argument-changing properties of classifiers in ASL. Purdue University. Ms.
- CHEN, D. Investigation of word order acquisition in early ASL. Unpublished manuscript. University of Connecticut. 1998.
- CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. MIT Press. Cambridge. 1995.
- FISHER, S. Verb Inflections in American Sign Language and Their Acquisition by the Deaf Child. Paper presented at the *Winter Meeting of the Linguistic Society of America*. [s.l.,s.n.]. 1973.
- FISHER, S. & GOUGH, B. Verbs in American Sign Language. In: *SLS 18*. [s.l.,s.n.] 1978:17-48.
- KLIMA, E. & BELLUGI, U. (1979) *The Signs Of Language*. Harvard University Press. Cambridge, Massachusetts's and London, England.
- LASNIK, H. Verbal Morphology: Syntactic Structures Meets the Minimalist Program. In *Evolution and Revolution in Linguistic Theory: Essays in Honor of Carlos Otero*. Georgetown University Press. 1995a.

- LASNIK, H. The forms of Sentences. In *An Invitation to Cognitive Science*. Volume 1. Second Edition. MIT Press. 1995b:283-309.
- LIDDELL, S. *American Sign Language Syntax*. Mouton Publisher. The Hague. 1980.
- LIDDELL, S. Four functions of a locus: re-examining the structure of space in ASL. In *Sign language research: theoretical issues*. Ceil Lucas (ed.) Washington, DC. Gallaudet University Press. 1990:176-198.
- LIDDELL, S. Real, Surrogate, and Token Space: grammatical Consequences in ASL. In *Language, Gesture and Space*. Karen Emmorey and Judy Reilly (eds.) Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates. 1995:19-41.
- LIDDELL, S. e JOHNSON, R. American Sign Language: the phonological base. *Sign language studies*. 18. 1989:195-277.
- LILLO-MARTIN, D. C. *Parameter setting: evidence from use, acquisition, and breakdown in American Sign Language*. Doctoral Dissertation. University of California, San Diego. University Microfilms International. Ann Arbor. Michigan. 1986.
- LILLO-MARTIN, D. One syntax or two? Sign Language and Syntactic Theory. In *Glott International*. (to appear)
- LILLO-MARTIN, D. Where are all the modality effects? In *Modality and Structure in Signed Language and Spoken Language*. Richard P. Meier, Kearsy A. Cornier and David G. Quinto (eds.) Cambridge: Cambridge University Press. 2002.
- LILLO-MARTIN, D. C. & KLIMA, E. Pointing Out Differences: ASL Pronouns in Syntactic Theory. In: *Theoretical Issues in Sign Language Research*. v.1: Linguistics. Chicago, IL: University of Chicago Press. 1990:191-210.
- MATHUR, G. *Verb agreement as alignment in sign language*. Ph.D. Dissertation. Massachusetts Institute of Technology. 2000.
- MATSUOKA, K. Verb Raising in American Sign Language. In *Lingua*. Number **103**. 1997:127-149.
- MEIR, I. Syntactic-Semantic Interaction in Israeli Sign Language Verbs: The Case of Backwards Verbs. In *Sign Language & Linguistics*. Volume 1. John Benjamins & Hag Publications. 1998.
- MEIER, R. *A cross-linguistic perspective on the acquisition of inflection morphology in American Sign Language*. University of California, San Diego and The Salk Institute for Biological Studies. April. 1980.

- MEIER, R. Person deixis in ASL. In *Theoretical Issues in Sign Language Research*. v.1: Linguistics. University of Chicago Press. Chicago and London. 1990:175-190.
- NUNES, J. Linearization of chains and phonetic realization of chain links., in S. D Epstein and N. Hornstein (eds.), *Working minimalism*, Cambridge, MA: MIT Press, 1999:217-249.
- NUNES, J. & QUADROS, R. M. de. *Phonetic Realization of Multiple Copies in American and Brazilian Sign Languages*. (in progress).
- PADDEN, C. *Interaction of Morphology and Syntax in American Sign Language*. Outstanding Dissertations in Linguistics. New York: Garland. 1988.
- PADDEN, C. The Relation Between Space and Grammar in ASL Verb Morphology. In *Sign Language Research - Theoretical Issues*. Gallaudet University Press. Washington. 1990:118-132.
- POLLOCK, J.Y. Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP. In *Linguistic Inquiry*, Volume 20. Number 3. Summer. 1989:365-424.
- QUADROS, R. M. de. *As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na língua de sinais brasileira e reflexos no processo de aquisição*. Dissertação de Mestrado. PUCRS. Porto Alegre. 1995.
- QUADROS, R. M. de. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Artes Médicas. Porto Alegre. 1997.
- QUADROS, R. M. de. *Phrase Structure of Brazilian Sign Language*. Tese de Doutorado. PUC/RS. Porto Alegre. 1999.
- QUADROS, R. M. de. A estrutura da frase da língua brasileira de sinais. In: II CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN, 1999, Florianópolis. *Anais do II Congresso Nacional da ABRALIN*. Florianópolis: UFSC, 2000.
- QUADROS, R. M. de; LILLO-MARTIN, D.; MATHUR, G. Acquisition of verb agreement in ASL and LIBRAS. In: THE SIXTH INTERNATIONAL CONFERENCE ON THEORETICAL ISSUES OF SIGN LANGUAGE RESEARCH, 1998, Washington DC. *The Sixth International Conference on Theoretical Issues of Sign Language Research*. Washington DC: Gallaudet University, 1998:17.
- QUADROS, R. M. de; LILLO-MARTIN, D.; MATHUR, G. O que a aquisição da linguagem em crianças surdas tem a dizer sobre o estágio de infinitivos opcionais?. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.36, n. 3, p. 391-398, 2001.
- RATHMANN, C. and MATHUR, G. Is verb agreement the same cross-modally? In *Modality and Structure in Signed Language and Spoken Language*.

- Richard P. Meier, Kearsy A. Cornier and David G. Quinto (eds.)
Cambridge: Cambridge University Press. 2002.
- SANDLER, W. *Phonological representation of the sign*. Dordrecht: Foris. 1989.
- SMITH, W. Evidence for Auxiliaries in Taiwan Sign Language. In *Sign Language Research - Theoretical Issues*. Gallaudet University Press. Washington. 1990:211-228.
- SUPALLA, T. *Structure and Acquisition of Verbs of Motion and Location in American Sign Language*. Ph.D. Dissertation, University of California, San Diego. 1982.
- SUPALLA, T. The classifier system in ASL. In *Noun classes and categorization: Typological studies in language*. Ed. by C.Craig. Philadelphia: John Benjamins Publishing Co. 1986:181-214.